

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

KATHERINE NAREL SOARES DA SILVA

*ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DA  
PROTAGONISTA DE LEWIS CARROLL E TIM BURTON

JARDIM

2012

KATHERINE NAREL SOARES DA SILVA

*ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DA  
PROTAGONISTA DE LEWIS CARROLL E TIM BURTON

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras  
Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual  
de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Licenciado em  
Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Josilene Moreira Silveira

JARDIM

2012

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

29 de Outubro de 2012,

---

**KATHERINE NAREL SOARES DA SILVA**

KATHERINE NAREL SOARES DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL CURSO DE LETRAS  
HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

APROVADO EM: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Orientador: Prof<sup>a</sup>. MSc. Josilene Moreira Silveira

---

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furazato

---

Prof. MSc. Rosicley Coimbra

JARDIM

2012

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, Cleide e Valdeci, por serem as pessoas responsáveis pelo que sou hoje e à minha irmã Caroline Raissa Soares, a maior joia que Deus nos deu.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar concluindo mais esta etapa em minha vida.

À minha família, em especial, à minha mãe Cleide, pelo apoio e incentivo incondicional em todos os momentos no decorrer de minha vida, agradeço até mesmo às broncas pela demora na conclusão do curso.

À minha orientadora Professora Josilene Moreira Silveira, pela dedicação e incentivo desde o primeiro encontro que tivemos e por acreditar na conclusão deste trabalho, até mais do que eu mesma.

Aos colegas que conheci no decorrer deste curso de graduação, por todos os momentos que passamos juntos, as festinhas na sala (as quais eu sempre dava um jeito de dar uma escapadinha). Os colegas de corredor pelas boas risadas e momentos inesquecíveis que vivemos na UEMS.

Ao meu amigo Hélder Rafael que foi uma das pessoas que mais me incentivou a fazer este curso, e que foi o primeiro a ver que eu havia passado.

Agradeço à minha amiguinha Elaine por ser a melhor companheira de curso que alguém poderia ter e pelos super momentos que passamos juntas. E a toda turma de 2007, pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conhecer graças ao curso.

Agradeço ao meu namorado Amarildo Junior (meu preto )por ter me apoiado nos dias em que eu estava mais nervosa e desanimada.

E a todos os professores do curso, especialmente, à Professora Roseli Grubert Martinez por quem tenho muito carinho e admiração.

“O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos.”

Ellcanor Roosevelt

## RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar uma leitura comparativa entre a obra de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, e o filme, inspirado nesta obra, de Tim Burton, de mesmo nome, lançado no Brasil em 2010, com foco na construção psicológica das protagonistas em ambas as obras. Para tanto, realiza-se um estudo sobre a origem e definição da literatura infanto-juvenil como gênero literário, os principais autores do gênero e suas obras, com o objetivo de situar a obra Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*, neste panorama da literatura infanto-juvenil. Na sequência, apresenta-se análise interpretativa da obra de Lewis Carroll, com o objetivo de realizar um estudo dos elementos narrativos que permitem a construção dos sentidos da obra. Nessa leitura interpretativa, foca-se na construção da protagonista de Carroll Alice, com a finalidade de estabelecer um paralelo com a protagonista do filme de Tim Burton, enfatizando-se os pontos em comum e distintos entre as protagonista. Para a realização do presente trabalho foram usadas para fundamentação teórica as contribuições de Abramovich (1997), Cademartori (1994), Corso e Corso (2011), Cunha (2003), Gregorin (2011), Franco (2012) e Franco Junior (2006). Para esta leitura comparativa, adota-se a perspectiva da recepção, entendendo que para tal é preciso colocar-se como leitor, que situado em seu tempo estabelece sentidos ao texto.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil. *Alice no País das Maravilhas*. Literatura e Cinema.

## ABSTRACT

This project aims to present a comparative reading of the novel by Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* and the movie inspired by the same novel and directed by Tim Burton with the same name, released in Brazil in 2010, focusing on the psychological construction of the protagonists both in the novel and the movie. To do so, it was made a study of the origin and definition of children's literature as a literary genre, the main authors of the genre and their novels, in order to situate the novel by Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, in children's literature panorama. Furthermore, it is presented interpretive analysis of the novel by Lewis Carroll, with the goal of conducting a study of narrative elements that allows the construction of meanings for the novel. In this interpretative reading, it is focused the construction of protagonist Carroll's, Alice, in order to draw a parallel with the protagonist of Tim Burton movie, emphasizing the commonalities and differences between both the protagonists on the novel and the movie. In order to make this project we used for theoretical contributions Abramovich (1997), Cademartori (1994), Corso and Corso (2011), Cunha (2003), Gregorin (2011), Franco (2012) and Franco Junior (2006 ). For this comparative reading, it was adopted the perspective of reception, understanding that it is necessary to put yourself as a reader in his/her time to set down directions to the text.

Keywords: Children's Literature. *Alice in Wonderland*. Literature and Cinema.

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DEFINIÇÃO E PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL	
1.1 Definição de Literatura Infantil .....	12
1.2 História da Literatura Infanto-juvenil .....	14
1.3 <i>Alice no País das Maravilhas</i> : Contexto histórico e social de produção da obra....	17
CAPÍTULO II – ANÁLISE INTERPRETATIVA DA OBRA <i>ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS</i>	
2.1 Análise Interpretativa da obra <i>Alice no País das Maravilhas</i> de Lewis Carroll.....	20
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO FILME <i>ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS</i> : DIÁLOGO ENTRE A PERSONAGEM DE LEWIS CARROLL E TIM BURTON	
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
REFERÊNCIAS .....	50

## LISTA DE TABELAS

Figura 1: Alice na toca do Coelho Branco momentos antes da queda .....	27
Figura 2: Alice dançando com Hamish .....	30
Figura 3: Alice relatando seu sonho ao pai .....	31
Figura 4: Alice e a irmã conversando sobre o pedido de casamento de Hamish .....	32
Figura 5: Hamish pedindo a mão de Alice em casamento .....	33
Figura 6: Convidados para a festa de noivado de Alice, esperando sua resposta .....	33
Figura 7: Fuga de Alice do noivado .....	34
Figura 8: Momento em que Alice descobre sua missão no “País das Maravilhas” .....	35
Figura 9: Imagem do oráculo no momento em que Alice enfrenta o Jaguadarte .....	35
Figura 10: Coelho Branco confirmando com Absolem enfrenta o Jaguadarte .....	36
Figura 11: Alice conversando com Bayard .....	37
Figura 12: Momento em que Alice decide ir ao Castelo da Rainha Vermelha .....	38
Figura 13: Conversa de Alice com Absolem .....	39
Figura 14: Momento em que Alice assume sua identidade .....	40
Figura 15: Lembrança de Alice I .....	40
Figura 16: Lembrança de Alice II .....	41
Figura 17: Lembrança de Alice III .....	41
Figura 18: Lembrança de Alice IV .....	42
Figura 19: Alice saindo do Castelo da Rainha Branca para enfrentar o Jaguadarte .....	42
Figura 20: Alice se apresentado como campeã da Rainha Branca .....	43
Figura 21: Momento em que Alice mata o Jaguadarte .....	44
Figura 22: Momento em que a Rainha Branca recupera a coroa .....	45
Figura 23: Volta de Alice ao Coreto .....	45
Figura 24: Alice dizendo à irmã o que é melhor para si .....	46
Figura 25: Alice recomendando a tia a procurar tratamento médico .....	47
Figura 26: Alice fazendo a dança maluca .....	47
Figura 27: Encontro de Alice com Absolem após a metamorfose .....	48

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma leitura comparativa entre a obra de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, e o filme, inspirado nesta obra, de Tim Burton, de mesmo nome, lançado no Brasil em 2010, visando fazer uma análise psicológica da personagem Alice de Carroll e Burton.

Para a realização do presente trabalho utilizou-se para fundamentação teórica as contribuições de Abramovich (1997), Cademartori (1994), Corso e Corso (2011), Cunha (2003), Gregorin (2011), Franco (2012) e Franco Junior (2006).

O estudo está organizado em três capítulos: o primeiro discute a origem e definição da literatura infanto-juvenil como gênero literário, os principais autores do gênero e suas obras, com o objetivo de situar a obra Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*, neste panorama da literatura infanto-juvenil.

No segundo capítulo, apresenta-se uma análise interpretativa da obra *Alice no país das Maravilhas* de Lewis Carroll, com o objetivo de realizar um estudo dos elementos narrativos que permitem a construção dos sentidos da obra. Nessa leitura interpretativa, foca-se na análise da personagem Alice de Carroll com a finalidade de estabelecer um paralelo com o filme de Tim Burton.

No terceiro capítulo, aborda-se a construção das personagens de Carroll e Burton, enfatizando, por meio do desenvolvimento da personagem deste último, os pontos em comum e distanciamentos entre essas personagens. Para esta leitura comparativa, adota-se a perspectiva da recepção, entendendo que para tal é preciso colocar-se como leitor, que situado em seu tempo estabelece sentidos ao texto.

Análise do filme de Burton comparando com a obra de Carroll que é apreciada por sua criatividade e inovação mesmo passados cerca de 150 anos, Burton cria uma continuação para a obra de Carroll, que não foi bem aceita pela crítica por ter um enredo considerado inferior à obra original e preocupação apenas com a produção do filme com efeitos especiais que atualmente é fator importante nos filmes.

## CAPÍTULO I - LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DEFINIÇÃO E PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL

Este capítulo descreve os princípios fundamentais deste trabalho, visando discutir o período de projeção da literatura infanto-juvenil como gênero literário e seus precursores. Busca ainda situar dentro do panorama histórico da literatura infanto-juvenil o autor Lewis Carroll e sua obra *Alice no País das Maravilhas*.

### 1.1 Definição de Literatura Infantil

Segundo Cunha (2003), a literatura direcionada ao público infantil projetou-se como estilo literário no início no século XVIII. Isso se ocorreu pelo fato de que, somente neste período, a criança passou a ser considerada e valorizada como criança, deixando de ser considerado um adulto mirim.

Desse modo, de acordo com Cunha:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2003, p.22).

Até então a literatura infanto-juvenil constituía-se de adaptações de narrativas orais. Não havia ainda obras em forma escrita, por não existir a preocupação com o que era lido pelas crianças. Por não serem valorizadas como tal, limitando-se desde cedo aos costumes dos adultos.

Nesse período, as crianças participavam tanto da vida social quanto literária do adulto. Essa prática era feita em dois seguimentos: a leitura de grandes clássicos, acompanhada por um mentor, realizada pelas crianças da nobreza; e a leitura de histórias de cavalaria, lendas, contos e aventuras que, por sua vez, eram lidas por crianças menos privilegiadas. (CUNHA, 2003, p.22). Essa literatura tinha grande interesse das classes populares, mas era considerada de pouco valor literário.

A constituição dessa literatura direcionada ao público infantil passou então a ser consolidada, a partir de então, considerando que a criança tinha que amadurecer primeiramente como criança e não pular esta etapa de sua vida.

Por muito tempo questionou-se a existência de uma literatura específica para criança. Segundo Carlos Drummond de Andrade, “O gênero ‘literatura infantil’ tem, a meu ver, existência duvidosa [...]” (apud CUNHA, 2003, p.25). Este fato se dá por não haver, durante muito tempo, uma definição clara do que fosse a literatura infantil. Defini-la apenas pelo público a que é direcionada, para criança e para adulto, parece não esboçar o melhor caminho, pois desconsidera elementos essenciais de sua estrutura.

Havendo a falta de definição acerca de que texto seria próprio para crianças, professores e pedagogos iniciaram esse trabalho apenas com cunho pedagógico, buscando ensinar através da literatura valores sociais às crianças.

Contudo, essa literatura voltada apenas para ensinar valores, torna-se maçante, fazendo com que a criança perca o interesse pela leitura. Assim, afirma Alceu Amoroso Lima (apud CUNHA, 2003, p. 73): “Se ela percebe desde logo que a leitura é apenas uma forma de educação e, portanto, mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação.” E ainda segundo as considerações de Bruno Bettelheim a literatura direcionada para criança deve despertar sua curiosidade e estimular sua imaginação:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade [...] BETTELHEIM (2002, p. 5)

Desse modo, esse valor de literatura voltado apenas para o ensino não é suficiente para que haja o interesse da criança por essas obras. Há também a necessidade do maravilhoso que fará com que desperte o imaginário da criança, transportando algumas situações para sua própria realidade. O que ajudaria a criança a enfrentar conflitos internos inspirando-se em seus “heróis” dos contos de fadas.

Segundo Cademartori (1995, p. 18-19):

A literatura proporciona uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.

Assim, as obras direcionadas para infância têm de envolver a criança e sua imaginação, fazendo com que ela se envolva com a história, buscando encontrar nelas fatos

que tornem aquilo que ela lê algo que possa realmente acontecer em suas vidas. (CUNHA apud GREGORIN, 2011, p. 12).

Nessa perspectiva, de acordo com Coelho (2000, p. 27):

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]. (COELHO, 2000, p. 9).

A partir dessa consideração de Coelho (2000), podemos perceber que a literatura infantil não é apenas histórias para entreter as crianças, mas uma obra de arte que passa por um processo de produção como qualquer outra obra literária.

Podemos perceber o processo pelo qual passa uma obra infantil, por meio das cartas de Lobato a Godofredo Rangel, na obra *A Barca de Gleyre*:

Não imaginas a minha luta para extirpar a ‘literatura’ dos meus livros infantis. A cada revisão nova para edições, mato, como quem mata pulgas, todas as ‘literaturas’ que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as ‘Fábulas’. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei um quilo de ‘literatura, mais ainda ficou alguma. (apud CUNHA, 2003, p.71).

Através das considerações de Lobato, observamos a complexidade na criação da literatura infantil, apesar da simplicidade de sua escrita. Isso acontece em virtude de seus leitores ainda não serem totalmente letrados e possuírem um léxico ainda pouco rebuscado. Contudo, isso não significa que a obra deva receber menor valor estético. Lobato apenas busca em suas obras tirar a “literatura”, ou seja, retirar das obras infantis a linguagem mais apurada e sofisticada usada por alguns literatos de sua época.

Carroll destaca-se por ter criado uma obra original que foge ao aspecto pedagógico que era primeiramente o objetivo da literatura voltada para criança, sua obra não tem qualquer preocupação de cunho pedagógico e sim mágico, preocupado apenas em entreter as crianças através do *nonsense* coisas sem sentido totalmente fantástico e surreal que não diz respeito ao período do realismo que é vivido pelo escritor.

## 1.2 História da Literatura Infanto-Juvenil

Como toda manifestação artística, a literatura infanto-juvenil é uma expressão de uma sociedade e de um tempo. Desse modo, é preciso considerar os fatores históricos que lhe

imprimiram certas formas e temas. Nesse sentido, temos como objetivo esboçar as principais linhas de sua constituição, sem, contudo, aprofundarmos em questões históricas, mas entender em que momento desse processo se enquadra a obra *Alice no País das Maravilhas*.

Segundo Cademartori (1995, p.33-34), a literatura infantil teve início como gênero próprio no século XVII, com o francês Charles Perrault, que coletou contos e lendas da Idade Média. Essas narrativas circulavam entre o povo como forma de entretenimento. Perrault adaptou essas histórias, tirando a linguagem mais informal e acrescentando uma linguagem mais aprimorada, para que fosse bem aceita pela burguesia da época, que nutria certo desprezo por esses contos pelo fato de serem considerados superstições populares.

Perrault é responsável por obras que até os dias de hoje são apreciadas mundialmente por crianças e adultos, contos como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas* entre outros, daí sua importância para literatura infantil.

No século XIX, foi a vez dos irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), estudiosos que abandonaram o curso de advocacia para dedicar-se a literatura. Os irmãos passaram a documentar os relatos de populares na Alemanha, como uma forma de preservar a cultura desse povo. Os irmãos coletavam as narrativas durante o dia e as escreviam durante a noite. A esposa de Wilhelm foi uma das colaboradoras dos contos feitos pelos irmãos, ela forneceu cerca de doze histórias para os escritos do marido.

No ano de 1812, os irmãos publicaram o primeiro volume do livro *Histórias para crianças e para família*; uma seleção de contos que foram por eles coletados. Em 1815, foi publicado o segundo volume desse livro de contos.

Outra grande contribuição para literatura infantil foi Hans Christian Andersen, escritor dinamarquês, nascido em 02 de abril de 1805. Andersen era um escritor romântico, que se dedicou a escrita de obras infantis, tornando-se, segundo Coelho (1991, p.148): “[...] Um dos mais famosos escritores para crianças, em todo o mundo”.

Seus contos nasceram de suas próprias experiências de vida. Por provir de uma família muito pobre e ter muitos irmãos, logo para entretê-los Andersen criava histórias. Ao referir-se a essa fase da vida de Andersen, Jesualdo, um educador uruguaio, afirma que: “Nele o Maravilhoso é a sua própria alma e seu mundo inteiro, seu mundo vivo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância.” (apud ABRAMOVICH, 1997, p. 123)

Andersen, ao contrário de Perrault e dos irmãos Grimm, não saiu à coleta de contos populares. Preferiu adaptar esses contos que já eram conhecidos e criou infinitas de contos, baseando-se em seu cotidiano, transformando o que via em seu dia-a-dia em narrativas. Outra característica encontrada na obra de Andersen é a orientação à vida cristã, como uma forma

de orientar as crianças que as ações humanas, são fatores responsáveis para “ganhar o céu”. Ele busca em suas obras valorizar a virtude, a busca por novos horizontes, condena a maldade e as coisas que não fazem bem para si e para os outros. (COELHO, 2000)

As obras mais conhecidas do autor são *O patinho feio*, *Os sapatinhos vermelhos*, *A rainha da neve*, *O rouxinol e o imperador da china*, *O soldadinho de chumbo*, *A pastora e o limpador de chaminés*, *A pequena vendedora de fósforos*, *A roupa nova do imperador*, *João e Maria*, entre outras.

A data de nascimento do autor é hoje o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil. Além de ser também prêmio para os melhores escritores do gênero, a Medalha Hans Christian Andersen é dada anualmente aos melhores nomes da Literatura Infanto-Juvenil, e no meio desses nomes encontramos o de Lygia Bojunga, que em 1982 recebeu esta medalha.

No Brasil, um dos maiores nomes da literatura infantil é do escritor José Bento Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato, nascido em 18 de abril, data em que atualmente comemoramos o Dia do Livro em homenagem a este escritor.

Lobato em suas obras busca fugir do padrão pedagógico. De acordo com Coelho (2000, p.138), o escritor busca “[...] Mostrar o maravilhoso como possível de ser vivido por qualquer um [...]”. Podemos notar em suas obras essa mescla do real com a fantasia, para que, através de seus livros, as crianças pudessem sonhar com o vasto mundo que encontramos neles. O autor expressa esse seu desejo na carta a Rangel em maio de 1926, “[...] para as crianças um livro é todo um mundo [...], [...] Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar [...]” (LOBATO apud COELHO, 1991, p. 228).

As obras de Lobato não se limitam às suas criações, esse autor também adaptou e traduziu várias obras. Podemos citar algumas obras adaptadas por ele como: *O Irmão de Pinóquio*, *Hércules e Cérbero*, *O Cinto de Hipólita*, entre outros. A tradução era uma das paixões de Lobato. Podemos verificar isso quando o autor afirma: “[...] É uma viagem por um estilo [...] Que Delícia remodelar uma obra de arte em outra língua!” (B.G. – II, p.327 apud COELHO,1991, p. 231). Isso nos mostra a realização do autor em dar forma a uma obra em outro idioma.

Lobato é o divisor de águas da literatura infantil e juvenil no Brasil. Ele abre as portas desse “novo mundo” em nosso país, permitindo que diversos nomes renomados nesse gênero literário surgissem como Ana Maria Machado, Pedro Bandejas, Ziraldo, Fanny Abramovich, Eva Furnari, Lygia Bojunga, entre outros.

### 1.3 *Alice no País das Maravilhas*: contexto histórico e social de produção da obra

A obra *Alice no País das Maravilhas* foi escrita por Charles Lutwige Dodgson, mais conhecido e reconhecido pelo pseudônimo de Lewis Carroll, que usou para publicar seus livros infantis. Este é um escritor inglês nascido em Daresbury, condado de Cheshire, em 27 de janeiro de 1832. Estudou no colégio Chirst Church, na Universidade de Oxford, onde ensinou no período de 1855 a 1888.

Em 1850 Carroll, dedicou-se à fotografia se especializando em retrato de pessoas, especialmente a imagens de crianças do sexo feminino, o que lhe causou muita difamação sob suspeita de pedofilia. Segundo Corso e Corso (2011), dedução feita apenas por seus traços artísticos, o que não equivalem a seus atos. Essa preocupação acerca da suposta pedofilia também pode ter afetado a amizade com a família Liddell, que por certo período rompeu os laços de amizade com Carroll. Esse motivo constitui-se em especulação, nunca sendo revelado realmente o que aconteceu. (CORSO; CORSO, 2011).

Segundo Corso e Corso (2011), as acusações de pedofilia perdem valor se a personalidade de Alice for levada em consideração, visto que as essas acusações são baseadas nas obras de Carroll. Assim, Corso e Corso analisam Alice como “[...] uma personagem feminista. Não se trata de uma menina inocente, frágil, objeto sem vontade à mercê do desejo alheio, masculino e mais velho”. A partir desse pressuposto, observamos que realmente a Alice de Carroll não é apenas um objeto de desejo, mas a idealização feminista, que se refere às mudanças que Alice deveria passar para ganhar espaço em um novo século que estava por chegar.

Esta obra foi criada por Carroll em 1862, durante um passeio pelo rio Tâmis com o amigo Henry George Liddell e suas três filhas. Uma delas chamava-se Alice Liddell, menina que inspirou o autor para criação da obra e ainda lhe fez uma dedicatória, quando a história foi publicada. A tradução da dedicatória, segundo (BORGES apud FRANCO, 2012 P. 47), é a seguinte:

Alice! Recebe este conto de fadas  
E guarda-o, com a mão delicada,  
Como a um sonho de primavera  
Que à teia da memória de flores  
Murchas que  
A cabeça dos peregrinos guarnece.  
(BORGES, 2012, p.47).

*Alice no país das maravilhas* relata as aventuras de uma menina de dez anos de idade por um mundo totalmente desconhecido. Apesar de ser ainda criança, Alice é uma menina muito esperta e dotada de um amplo raciocínio lógico, o que ajuda a menina a escapar de várias situações inesperadas, neste mundo totalmente novo com o qual ela se encontra.

Esta obra se passou no século XIX, durante o período conhecido como Era Vitoriana, período este ao qual reinou a Rainha Vitória, coroada ainda aos dezoito anos, reinando assim por sessenta e três anos. Esse período foi muito marcado pela moralidade rígida e pelo puritanismo, princípios ditados pela rainha.

A literatura passou a ser usada como um meio de ensinar a sociedade, como deveriam se comportar socialmente. Assim, muitos escritores usaram a mesma literatura que servia para moralizar, para criticar o regime autoritário da rainha Vitória. Carroll assim o fez por meio da fuga de Alice para o “país das maravilhas”, onde não havia regras e punições.

Essa fuga de Alice caracteriza a vontade de liberdade vivida pela sociedade da época, pois a monotonia e o estado de tédio eram bastante comuns para aquele período, até mesmo para as crianças que não tinham nada de interessante para fazer. (CORSO e CORSO, 2011). Podemos observar esse estado de tédio de Alice, logo no começo do primeiro capítulo de *Alice no país das maravilhas*: “Alice estava começando a se cansar de ficar sentada ao lado de sua irmã, sem nada para fazer, à beira do riacho.” (CARROLL, 2009, p.15)

Carroll foge ao padrão da literatura daquele período que visava apenas moralizar e ensinar, assim ele traz em sua obra a crítica aos padrões pré-estabelecidos, tornando essa fuga da realidade vivida pela personagem Alice, uma indicativa de que novos caminhos poderiam ser traçados. Assim, nota-se a coragem de Alice que, mesmo sendo uma criança, não perde a vontade de viver coisas diferentes e se aventurar em novos cominhos, jogando-se em uma aventura sem receio de punição.

## CAPÍTULO II - ANÁLISE INTERPRETATIVA DA OBRA *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

O texto literário infantil não tem um padrão pré-estabelecido. Ele se enquadra no gênero da ficção que, por sua vez, se diversifica em outras categorias, dependendo da problemática, da trama, da intenção, etc. Esta definição se dá por se tratar de uma literatura destinada a um leitor em especial, os leitores em formação que ainda estão iniciando em um longo processo de aprendizagem. (COELHO, 2000).

A literatura para crianças tem de encantá-las, diverti-las, pois, nessa fase de suas vidas, tudo é repleto de novidades e, se a literatura não tem os atrativos necessários para prender a atenção da criança, ela logo perde o interesse pelos livros.

No que diz respeito a fatores estruturais ou estilísticos que constituem uma obra literária, podemos citar, segundo os preceitos de Coelho (1987, p. 46-64), que os principais recursos utilizados pelos autores para a estruturação da matéria narrativa são:

1. O narrador, a voz que fala ao leitor;
2. O foco narrativo, perspectiva de visão para transmitir seu relato;
3. A efabulação, que diz respeito à sequência dos fatos e situações contadas, o gênero narrativo obedece à visão de mundo que o autor pretende transmitir ao leitor e pode assumir três formas distintas, a de conto, novela ou romance;
4. Personagens, aquelas pessoas que vivem as ações da estória;
5. Espaço, trata-se do ambiente, local onde são vividas as ações dos personagens, podendo haver mais de um espaço para o desenrolar da estória;
6. Tempo, é a duração das situações narradas.

Esses elementos estruturais que compõem a obra literária constituirão aspectos a ser analisados neste capítulo, pois os sentidos do texto são construídos mediante a sua composição estrutural, formando a partir desses recursos todo o enredo da estória, dando sentido e sequência lógica aos acontecimentos narrados.

## 2.1 Análise interpretativa da obra *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll

*Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, é uma das obras mais conhecidas da literatura infanto-juvenil, que traz em sua estrutura uma forte crítica social, metáforas, símbolos e também muito raciocínio lógico/matemático, por se tratar de um matemático, apaixonado por charadas, jogos ligados à lógica. Para esta análise farei uso de uma tradução da obra original feita por Márcia Feriotti Meira. A obra narra as aventuras de uma menina de dez anos que cai na toca do Coelho Branco e vive aventuras maravilhosa em um muito totalmente desconhecido.

A obra analisada é composta por doze capítulos sendo cada um deles diz respeito às aventuras de Alice no “País das Maravilhas” desde o momento em que ela segue o Coelho Branco até a toca e quando ela acorda ao lado da irmã na beira de um riacho.

Um fator importante que observamos na obra *Alice no País das Maravilhas* é a problematização da ociosidade da criança, situação em que Alice se encontra inicialmente, que é marcada pela mesmice, pela falta do que fazer. Este estado é característico do período em que a obra foi escrita, pelo fato do moralismo e das regras impedirem as pessoas de fazerem coisas que realmente lhe dessem prazer.

Assim, Alice necessita sair deste estado e buscar uma aventura, representada na fuga para o “País das Maravilhas”, lugar em que pode fazer tudo o que tem vontade sem ser repreendida por isto. Na obra, Carroll crítica essa sociedade pacata e conformada com os padrões impostos no período, marcando um novo período que estava por vir.

Essa obra corresponde, segundo Coelho (1998), ao novo maravilhoso, que trata do fantástico absurdo ou *nonsense* (termo inglês que significa sem sentido) com base racionalista, o autor satiriza esse período cheio de normas e limites absolutos. Isso se dá através de alguns temas que são abordados na obra como, por exemplo, a matemática que é uma das paixões do autor, e que ele não deixou de usar em seus contos.

Como pode ser observado no capítulo 5, “Conselho de uma lagarta”, Alice cresce tanto que fica maior que o topo das árvores, momento ao qual, uma pomba preocupada com seu ninho compara Alice a uma cobra, pelo fato de as cobras comerem os ovos das pompas e por Alice ser uma menina que também comia ovos. Esta comparação nós remete a lógica matemática, se cobras e meninas comem ovos logo as meninas são uma espécie de cobra.

Como já foi mencionado, esta obra de Carroll crítica a moral imposta à sociedade daquele período, fato este que afetava também as crianças, por serem “treinadas” para a vida adulta, que acabavam por se conformar e seguir o padrão social estabelecido. Alice se mostra

uma menina que não se limita a esses padrões e que se permite sonhar com algo diferente. Ela idealiza/sonha com um mundo totalmente livre das regras e punições, onde ela pudesse viver livre de obrigações sociais e viver a liberdade de ser criança e as aventuras de seu imaginário.

Essa crítica se estende também ao campo político pelo fato de que, neste período, foi adotado o sistema parlamentar de governo na sociedade inglesa. Neste, a monarquia tinha o poder político limitado, sendo que o governo era exercido pelo Ministro de Estado, este sim tinha autoridade de tomar as decisões políticas, como a Rainha de Copas, que não tinha poder decisivo em suas ordens e ainda ter um julgamento duvidoso, como por exemplo, o fato de suas condenações serem sempre a decapitação sem avaliar se a condenação era justa ou não para o ato cometido, e além disso suas ordens nunca eram cumpridas, reforçando sua falta de autoridade.

O narrador é um dos elementos estruturais mais significativos para a literatura infanto-juvenil, pois é ele que guia o leitor. Nesse sentido, ele pode cerceá-lo ao guiar a leitura ou deixar margens para que o próprio leitor tire suas conclusões. Desse modo, podemos caracterizar o narrador desta obra como narrador primordial, que segundo Coelho (1987), é aquele que não se apresenta como autor da estória narrada, mas como alguém que presenciou tudo de perto e agora transmite para outras pessoas: “Alice abriu a porta e viu que ela dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato.” (CARROLL, 2009, p.19).

A partir dessa consideração de Coelho (1987) pela passagem de Carroll, verificamos que o narrador da obra em análise conta os fatos como se estivesse lembrando de passagens que ele presenciou e agora conta a terceiros. Isso fica bem evidente quando ele usa a terceira pessoa para narrar, marcando assim sua distância dos fatos narrados.

Ao se tratar do ângulo em que o narrador se coloca para transmitir seu relato, nesta obra podemos dizer que o foco narrativo é, segundo Coelho (1987), externo objetivo pois o narrador se mantém fora dos fatos que estão sendo narrados, pois narra em terceira pessoa sem mudar seu ângulo de visão e subjetivo por dominar com segurança o interior das situações ou das personagens.

Na perspectiva de Franco Júnior (2006), embasado na teoria de Friedman (1955), a classificação da focalização seria de narrador onisciente neutro. Segundo o autor,

Este foco narrativo caracteriza-se pelo uso da 3ª pessoa do discurso. Tende ao uso do sumário, embora não seja incomum que use a cena para a inserção de diálogos e para a dinamização da ação e, conseqüentemente, do conflito dramático. Reserva-se

normalmente, o direito à caracterização das personagens descrevendo-as e explicando-as para o leitor. (FRANCO JÚNIOR, 2006, p.43).

Como podemos observar no excerto da obra em que a personagem Alice está em um mundo desconhecido, entrando no mundo mágico:

- Quantos quilômetros devo ter caído até agora? – perguntou em voz alta. – Acho que já estou chegando perto do centro da terra. Deixe-me ver: isso seria uns seis mil quilômetros de profundidade, eu acho... – (porque, como você pode perceber, Alice já tinha aprendido muitas lições desse tipo na escola, e embora esta não fosse uma oportunidade muito boa para exhibir seus conhecimentos, até porque não tinha ninguém para escutá-la, pelo menos era um bom exercício para memória) – é... deve ser isso mesmo, mas a que latitude e a que longitude será que cheguei? (Alice não tinha a menor ideia do que fosse latitude, nem longitude, mas lhe pareceram palavras muito apropriadas para se dizer naquele momento.). (CARROLL, 2009, p.17).

Nesta passagem podemos ver o foco narrativo como narrador onisciente neutro, marcando-se pelo uso da 3ª pessoa para limitar sua distância dos atos narrados, mas que faz uso da inserção de diálogo para dinamizar as ações do conflito dramático, e ainda caracteriza as personagens descrevendo-as para o leitor.

Como a personagem Alice, que foi inspirada em Alice Pleasence Liddell, filha de Henry Liddell amigo de Lewis Carroll e sua gatinha de estimação Dinah, muitos dos personagens de *Alice no País das Maravilhas* também foram inspirados em pessoas ou fatos do cotidiano de Carroll. Como se verifica a respeito do gato de Cheshire, que aparece no capítulo 6, “Porco e pimenta”, em cima de uma noqueira, que ainda pode ser encontrada no jardim do colégio de Deanery.

Também no capítulo 8, “O campo de *Croquet* da Rainha”, onde o gato irrita o Rei de Copas, e é salvo pela esperteza de Alice. Nessa aparição do Gato de Cheshire, observa-se a referência que é feita aos queijos do condado de Cheshire, que tinham o formato de um gato sorridente, em que as pessoas começavam a comê-lo pela calda, acabando apenas com a grande cabeça sorridente, até o seu desaparecimento. Como podemos observar no fim do capítulo 6, no qual é narrado o desaparecimento do Gato de Cheshire: “[...] Foi desaparecendo bem devagarzinho, começando pela ponta do rabo e terminado com o sorriso [...]”. (CARROLL, 2009, p. 76).

O Chapeleiro Maluco pode ter sido inspirado em um comerciante de Oxford, que usava uma cartola, e era louco por causa do vapor de mercúrio, substância alucinógena que

era usada na fabricação de chapéus. Esta era considerada a causa da “loucura” das pessoas envolvidas na fabricação de chapéus da época.

No capítulo 8, “O campo de *Croquet* da Rainha”, temos três jardineiros pintando rosas brancas plantadas, acidentalmente, de vermelho. Nesta passagem, as rosas são apenas representações. As rosas brancas referem-se à *Casa York* e as rosas vermelhas a *Casa de Lancasteh*, com essa passagem Carroll faz alusão à Guerra das Duas Rosas.

Alice é a personagem principal da narrativa, pois a ela são delegadas grandes funções para o desenvolvimento do conflito dramático. Ela desperta no leitor um grande interesse por viver aventuras fantásticas, que não existem em seu mundo. Essa é a função do personagem principal: envolver o leitor através de suas características, como sua personalidade, seus valores, sua astúcia para superar os obstáculos que por ele serão vividos no decorrer da história, criando assim uma identificação do leitor com o personagem.

Os demais são considerados personagens secundários, pois suas ações não são fundamentais para a constituição do conflito dramático. Assim, esses personagens acabam por atrair menos a atenção do leitor por se envolverem pouco na trama e, quando aparecem, é para ajudar o personagem principal a concluir seu objetivo na trama. (FRANCO JÚNIOR, 2006).

Podemos ainda definir esses personagens no plano imaginário, vez que eles existem apenas na imaginação/sonhos de Alice. Os personagens que existem no plano real são apenas a própria Alice e sua irmã, que aparece no começo da história sentada na beira de um riacho e, no fim, quando no mesmo lugar, lembra Alice de seu sonho pelo “País das Maravilhas”.

Ao analisarmos a personagem principal, Alice, notamos que ela apresenta ainda caracteres de uma personagem redonda.

Segundo Franco Júnior (2006), baseado na teoria de Foster (1974):

É aquela que apresenta um alto grau de densidade psicológica, ou seja, marca-se pela alinearidade no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu *ser* (a sua psicologia) e o seu *fazer* (as suas ações). Noutros termos: apresenta maior complexidade no que se refere às tensões e contradições que caracterizam a sua psicologia e as suas ações. Tal personagem é imprevisível, surpreendendo o leitor ao longo da narrativa, pois representa de modo denso a complexidade, os conflitos e as contradições que caracterizam a condição humana e, nesse sentido, não é redutível aos limites de uma categoria social. (apud FRANCO JUNIOR, 2006, p.39)

Segundo essas características que definem uma personagem redonda, analisamos então a personagem de Alice que surpreende o leitor no momento em que ela foge das regras e padrões da sociedade em que vive para viver suas aventuras no subterrâneo. Ainda mostra-se

uma menina questionadora e com uma personalidade forte, pois em vários momentos dá sua opinião, fato este que não aconteceria no início da narrativa.

O tempo em que se passam as aventuras de Alice caracteriza-se de dois modos, primeiramente no tempo objetivo, também conhecido como cronológico, que se refere à sucessão temporal dos fatos ocorridos. Há também um tempo que passa apenas no imaginário de Alice. Quando ela não vive as aventuras narradas, apenas imagina/sonha com tais acontecimentos.

Esse tempo vivido por Alice, de acordo com Franco Júnior (2006), é o tempo psicológico vinculado ao tempo cronológico, diferindo deste por se tratar da experiência psicológica da personagem, o que refere a suas memórias e fantasias.

Essa distinção em tempo psicológico e cronológico podemos verificar com clareza no fim da obra, quando Alice, ao dialogar com sua irmã, revela que suas aventuras não passaram de um sonho.

- Acorde, Alice querida! – solicitou a irmã. – Puxa como você dormiu pesado!  
Nossa, tive um sonho tão esquisito! – contou Alice e relatou à sua irmã tudo o que conseguia lembrar sobre essas aventuras estranhas que você acabou de ler.  
(CARROLL, 2009, p.136).

Quanto aos espaços apresentados na obra, verificamos que esta se inicia na beira de um riacho, onde Alice está sentada com a irmã que está lendo um livro. Quando de repente ela vê um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa, que dizia estar atrasado. Alice sai correndo atrás do coelho que olhava as horas em um relógio de bolso, o coelho entra em uma toca embaixo de uma cerca. Alice sem pensar em nada entra na toca do coelho, que dava direto para uma espécie de túnel bem fundo, tão fundo que Alice teve muito tempo para pensar, no quanto era corajosa, no tombo da escola, etc.

Após essa longa queda, Alice se aventura em um mundo totalmente diferente do qual estava acostumada, passando por vários lugares no decorrer da narrativa. Ao mudar de espaço, a cada nova aventura, passa por espaços naturais que correspondem ao jardim que viu logo que sua queda terminou, passando também por espaços sociais como a casa do Coelho Branco e a Casa da Duquesa. Por se tratar de um sonho vivido por Alice, esses espaços em que vive suas aventuras, são chamados de trans-reais, segundo nomenclatura de Coelho (1987), que correspondem ao mundo fantasiado por Alice, mundo este que existe apenas em seus sonhos.

A obra de Carroll *Alice no País das Maravilhas* desperta atenção por unir a realidade do cotidiano ao maravilhoso, de uma forma elaborada que deixa, muitas vezes, o leitor em dúvida sobre o que é realidade e o que é fantasia da personagem.

Esse gênero literário pode ainda ajudar no desenvolvimento intelectual das crianças, ao aliar fantasia e realidade. No País das Maravilhas, Alice acaba passando por várias situações que a auxiliam no desenvolvimento e amadurecimento enquanto criança real.

Desse modo, essa personagem é permeada de complexidade em sua psicologia. Esse fato é identificado tanto na personagem Alice de Carroll como na de Burton. Contudo, apesar da Alice de Burton ser inspirada na personagem de Carroll, apresentam características psicológicas diferentes. Essa diferença de personalidade é que provocou o interesse em analisar as diferenças existentes em cada uma, tanto psicologicamente quanto no se refere a contexto social e temporal.

A Alice de Carroll é uma menina de 10 anos e aventureira, corajosa e com muita vontade de viver aventuras, vive em um estado de marasmo junto à irmã, que aproveita a oportunidade de sua “viagem” para o mundo subterrâneo para viver as aventuras. A Alice de Burton é uma adolescente de 19 anos, no início, insegura e, de certa forma, conformada com o padrão moral que lhe é imposto. Aos poucos, amadurece e é capaz de decidir e enfrentar a sociedade, dando sua opinião e declarando sua decisão sem medo de repreensão.

Por essa diferença na personalidade das personagens e também pela visão diferente de autor e cineasta, cada um em seu tempo, é que se opta por analisar a personagem de Carroll em seu livro e a personagem de Burton no filme.

### CAPÍTULO III - ANÁLISE DO FILME ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: DIÁLOGO ENTRE A PERSONAGEM DE LEWIS CARROL E DE TIM BURTON

O filme *Alice no País das Maravilhas* foi lançado, no Brasil, em 23 de abril de 2010, sob a direção de Tim Burton e roteiro de Linda Woolverton e distribuído pela Walt Disney Picture. O filme é baseado nas obras *Alice no País das Maravilhas*, embora o cineasta use alguns personagens da continuação desta obra, *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá*, também de Carroll, apesar de Burton ter se inspirado nas obras de Carroll ele produz o filme como uma continuação das obras de Carroll.

No filme de Burton, o cineasta não segue uma adaptação fiel a obra de Carroll, o que de acordo, com Xavier, essa fidelidade deixa de ser um critério de maior importância, uma vez que, “[...] o livro e o filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não tem exatamente a mesma sensibilidade”. Por esta passagem verificamos que a fidelidade do filme com a obra original do autor não é fator fundamental para a representação fílmica. (XAVIER, (2003, p.62).

Para que haja diálogo entre a obra de um autor e o filme de um cineasta se faz necessário a intertextualidade da obra literária, seja ela breve ou extensa. Sem a necessidade de total fidelidade do filme para com a obra, pois, de acordo com Johnson (2003, p. 44), “Uma obra artística [...] tem de ser julgada aos valores do campo ao qual se insere, e não em relação aos valores de outro campo.”, ou seja, cada obra tem a sua característica e sua forma de ser transmitida.

No filme, Alice, personagem interpretada por Mia Wasikowska, é uma adolescente de 19 anos que está indo a uma festa da nobreza, forçada pela mãe, que é muito ligada aos padrões sociais. Ela só não sabe que está indo para seu noivado. Neste evento, Alice então é pedida em casamento por um lorde. Neste momento, se desespera e foge para um jardim. Neste lugar, nota a presença de um coelho branco e o segue até sua toca, iniciando sua aventura por um mundo que até então julgava desconhecido, como observa-se na cena a seguir.



Figura 1: Alice na toca do Coelho Branco momentos antes da queda.  
Fonte: Burton (2010).

Esta cena é descrita no texto literário de Carroll (2009): como um poço muito fundo, pelo fato da menina ter muito tempo para pensar no momento de sua queda, que terminaria no “País das Maravilhas”.

Esta é uma referência ao texto de Carroll (2009), por se tratar de uma continuação da obra do autor, levando em consideração que o filme não tem obrigação de ser fiel ao texto literário. Nesse processo, alguns elementos do enredo são utilizados no roteiro do filme, aproximando texto literário e cinematográfico em alguns momentos e distanciando-se em outros.

Cada obra de arte retrata características do seu tempo, e não seria diferente na obra de Carroll que é simbolizada pela crítica que ele faz ao moralismo e costumes vividos pela sociedade de sua época, que seguiam os ideais da Rainha Vitória da Inglaterra, buscando assim o rompimento com esses padrões sociais. Burton busca a inovação, novos horizontes características de seu tempo que se dá à cerca de 150 anos após a obra de Carroll, caracterizando a sociedade que atualmente procura inovar, essa busca pelo novo vemos quando a Alice de Burton afirma que vai para a China em busca de uma nova cultura.

Observamos a junção de duas obras de Carroll para construir a personagem Rainha Vermelha de Burton. Em *Alice no País das Maravilhas* encontramos a Rainha de Copas, já em *Alice através do Espelho e o que ela encontrou lá*, temos a Rainha Vermelha, sendo que no filme Burton faz a junção das personagens distintas em uma só: a Rainha Vermelha. Esta

apresenta seus guardas como cartas de baralho e seu amigo fiel como Valete, caracterizando essa junção das personagens.

Restringindo-se a análise das personagens principais, a Alice de Carroll é uma menina de dez anos que vive aventuras em um mundo totalmente fora de sua realidade, em um lugar maravilhoso. Alice é uma menina determinada, sem medo de se arriscar. Contudo, em alguns momentos ela fica confusa em relação a seu tamanho, e até mesmo, de que essa alteração mude quem ela é. Essas transformações que Alice sofre no decorrer de sua passagem por esse mundo fantástico, correspondem à fase da adolescência, fase marcada por uma efusão e confusão de sentimento. Esse período é compreensível, por ser o período de transição de criança para adulto.

Na obra literária, a menina demonstra ter uma relação amistosa com todas as criaturas que vivem neste mundo maravilhoso. Verificamos a relação de Alice com os demais personagens no capítulo 3, “Uma corrida maluca e uma longa história”, quando Alice e alguns animais estão ensopados com as lágrimas da menina: “[...] Fizeram uma assembleia para discutir o assunto e, após alguns minutos, parecia muito natural para Alice estar conversando na maior intimidade com eles, como se os tivesse conhecido a vida inteira [...]” (CARROLL, 2009, p. 33).

É também bastante questionadora, expressando sua opinião em diversas situações. Como quando a Rainha de Copas manda cortar a cabeça do Gato de Cheshire, mas o carrasco afirma ser impossível cortar a cabeça de uma pessoa que não tem corpo. Nesse momento, Alice dá sua opinião na conversa: “- Ele pertence à Duquesa: é melhor perguntar a ela.” (CARROLL, 2009, p.99). A partir dessa fala de Alice, observa-se que a menina expressa sua opinião sem receios de ser repreendida.

É uma menina destemida, que enfrenta sem medo todas as dificuldades que ela encontra em seu caminho. Como quando ela é chamada para dar seu depoimento no julgamento do roubo das tortas. Alice é chamada a depor pelo Coelho Branco, e responde prontamente: “- Estou aqui! – gritou Alice. Na empolgação do momento [...]” (CARROLL, 2009, p. 29). Nesta passagem, Alice responde ao Coelho Branco sem pensar em nada, pronta apenas para viver mais esta aventura.

Chega-se ao ponto decisivo em que ela tem de questionar a decisão da Rainha de Copas. Isso se dá no momento em que o Rei de Copas ordena que o júri dê o veredicto do julgamento. A Rainha de Copas então interrompe dizendo: “- Não, não! A sentença, primeiro; depois, o veredicto.” Alice indignada responde: “- Mas que idiotice! A sentença nunca vem

antes do veredicto!” (CARROLL, 2009, p. 136). Assim, demonstra-se a coragem de Alice ao questionar até mesmo a Rainha, a quem ela deveria “respeitar” como autoridade.

No que se refere à Alice de Burton, temos uma adolescente de 19 anos, que se mostra muito confusa e medrosa, que afirma a todo momento estar vivendo apenas um sonho e que a qualquer momento acordará. Burton constrói a Alice em seu filme como adolescente, caracterizando essa fase vivida por todos que é cheia de conflitos internos e falta de segurança para tomar decisões importantes em suas vidas. Ao contrário, a personagem de Carroll é uma criança de apenas dez anos de idade e aventureira. Nos dias de hoje, pode ser mal compreendida por não haver tanta repreensão às crianças como na época em que Carroll escreveu sua obra.

Um fator muito interessante na construção de Alice no filme, é que em muitos momentos ela é questionada, sobre ser ou não a verdadeira Alice. Isso faz com que se reflita sobre como deveria ser a Alice que poderia salvar o reinado da Rainha Branca. Como é possível observar no decorrer do filme verifica-se que não é a personagem insegura, influenciada pelas recriminações da sociedade de seu mundo “real” que havia se tornado, mas a criança corajosa e capaz de enfrentar tudo sem medo, que existiu no passado.

Essa Alice corajosa que todos procuram no filme é a criança corajosa caracterizada no livro de Carroll e não a adolescente insegura que se apresenta a ele. É por isso, que no decorrer do filme sua coragem e atitude são questionadas e testadas, fazendo com que ela procure em si mesma a criança corajosa que havia adormecido, essa retomada se dá para que a adolescente seja capaz de enfrentar seus problemas.

A fuga ao “País das Maravilhas” é motivada na obra de Carroll (2009), pelo marasmo em que as crianças viviam. Logo, era preciso recorrer a um mundo imaginário, em que pudesse passar por aventuras, obstáculos, entre outros, para suprir a necessidade de exercitar a imaginação da criança que não se verificava na época. A fuga da Alice de Burton é para fugir da pressão de uma sociedade repressora que não se preocupa com os interesses de Alice, apenas escolhem o que é melhor para ela e esperam que ela aceite sem questionamentos.

Esse fato pode ser observado na cena em que Alice dança com Hamish e é repreendida por sua imaginação: “- De repente imaginei as moças de calças e os homens de vestidos. / - Seria bom guardar sua imaginação só pra você. Quando tiver dúvidas fique em silêncio!”. (BURTON, 2010). A imagem abaixo ilustra essa passagem.



Figura 2: Alice dançando com Hamish.  
Fonte: Burton (2010).

Nestas falas das personagens, fica evidente a repreensão à imaginação de Alice por Hamish, que representa essa sociedade tradicional, a tentativa da adolescente em inverter os costumes socialmente legitimados, em uma tentativa de desconstrução de valores sociais. Ao representá-lo como um jovem estranho por seus costumes, alérgico a várias coisas e feio, nota-se o sentido que isso adquire ao tomá-lo como elemento representativo dessa sociedade, pois esta passa a ser tomada mediante essas mesmas características, ou seja, passa a ser ridicularizada.

A imaginação fértil de Alice é influenciada por outras personagens, como o pai, considerado, no início do filme, maluco por acreditar que a única forma de alcançar o impossível era acreditar que é possível. Este fato pode ser notado na cena em que Alice relata ao pai seus sonhos.



Figura 3: Alice relatando seu sonho ao pai.  
Fonte: Burton (2010).

- Eu estou caindo... num buraco escuro. Aí eu vejo criaturas estranhas.
- Que tipo de criaturas?
- Tem uma pássaro Dodô, um coelho usando um paletó...um gato risonho.
- Eu não sabia que gatos podiam rir.
- Eu também não sabia. E ainda tem uma lagarta azul.
- Uma lagarta Azul... Hum! (BURTON, 2010).

Há também muito medo de Alice em ser considerada louca por seus sonhos. Como é observado no diálogo: “- O senhor acha que eu estou ficando maluca?/ - Eu acho que sim. Você está maluca. Pirada. Perdeu um parafuso. Mas eu vou contar um segredo, as melhores pessoas são assim.” (BURTON, 2010). No entanto, esses sonhos, capacidade de imaginação da menina, são valorizados pelo pai.

A partir desse diálogo com o pai, nota-se que ele é uma pessoa sonhadora e aventureira, mesmo sendo adulto e na postura de pai, demonstra sensibilidade aos sonhos da filha, por também procurar viver coisas fantásticas. Essas por não serem bem aceitas pela sociedade, tornam-no, aos olhos desta, louco por acreditar em coisas fantásticas e “fora de suas realidades”. Seu pai afirma que as melhores pessoas são “loucas”, por acreditar que essas pessoas são realmente capazes de ser felizes, desvencilhando-se de regras comportamentais que lhe cerceiam a capacidade criativa.

A imposição de valores, principalmente, à mulher, é observada no momento em Alice conversa com sua irmã.



Figura 4: Alice e a irmã conversando sobre o pedido de casamento de Hamish.

Fonte: Burton (2010).

- Hamish pedirá sua mão no coreto. Quando você disser sim...
- Mas eu não sei se eu quero me casar com o Hamish.
- Com quem então? Não conseguirá alguém melhor do que um lorde. Logo terá 20 anos Alice, esse rostinho não será bonito pra sempre. Não vai querer acabar como a tia Imogene. Você quer se tornar um fardo para sua mãe.
- Não.
- Pois então, vai se casar com o Hamish. Será tão feliz como eu sou com o Lowell. Sua vida será perfeita. Já está decidido. (BURTON, 2010).

Nesta cena, nota-se a pressão sofrida por Alice reflete-se na imposição do casamento com um rapaz considerado o ideal para ela, por sua posição social, porém, é uma pessoa que causa certa repulsa nas pessoas. A irmã de Alice é bem clara ao declarar que o casamento da moça já está decidido e expõe vários argumentos para convencê-la de que o casamento é sua única opção para uma vida “feliz”.

Alice demonstra, aparentemente, estar conformada com a situação, por não ver uma solução imediata para seu problema. A personagem demonstra, nesse primeiro momento, sua falta de maturidade e ainda de liberdade de expressão, limitação imposta pelos padrões já estabelecidos de comportamento da sociedade da época.

Na imagem a seguir, vemos Alice no coreto no momento em que Hamish pede a mão dela em casamento.



Figura 5: Hamish pedindo a mão de Alice em casamento.  
Fonte: Burton (2010).

A espera pela resposta ao pedido é aguardada pela sociedade presente na festa. Essa cena é demonstrada no filme ao focar os convidados que reunidos, assistem ao casal. A partir daí, vemos a pressão sofrida por Alice, vez que essas pessoas só estão esperando o momento do “sim”, condição esta já estabelecida por todos ao futuro de Alice, representando a pressão e quase que a obrigação de que sua resposta seja positiva para satisfazer a todos os convidados, menos satisfazer a ela mesma. Como se visualiza na imagem que figura essa passagem a baixo:



Figura 6: Convidados para a festa de noivado de Alice, esperando sua resposta.  
Fonte: Burton (2010).

Com o pedido de casamento e a espera por sua resposta, Alice fica angustiada, como é representado nas reações da atriz que dá vida a personagem. Ao visualizar o Coelho Branco, ela foge e o segue para o “País das Maravilhas”.



Figura7: Fuga de Alice do noivado.  
Fonte: Burton (2010).

Essa fuga caracteriza a imaturidade e conflitos vividos pela personagem em tomar decisões, pelo fato de Alice ser contida em suas vontades e ter grande receio de enfrentar as situações por causa da repreensão que suas atitudes podem causar.

Já no “País das Maravilhas” Alice se depara com a situação de ter que salvar aquele lugar da crueldade da Rainha Vermelha e recuperar a coroa para a Rainha Branca.



Figura 8: Momento em que Alice descobre sua missão no “País das Maravilhas”.  
Fonte: Burton (2010).

Essa revelação de que ela é a escolhida é dada por Absolem, quando mostra o oráculo, em que uma menina, parecida a ela, figura matando o Jaguadarte com a espada Vorpal: “ - Mostre a ela o Gloriandei./ - É, Glariandei é o dia em que você matou o Jaguadarte./ - O que disse? Eu matei o que? [...]/ . - Ah essa ai é você com a espada Vorpal./ - Nenhuma outra espada pode matar o Jaguadarte, de jeito nenhum, se não foi Vorpal ele não morre”. (BURTON, 2010).



Figura 9: Imagem do oráculo no momento em que Alice enfrenta o Jaguadarte.  
Fonte: Burton (2010).

No entanto, a identidade de Alice como heroína é, muitas vezes questionada pelas demais personagens. Essa dúvida de ser reconhecida como a “escolhida” se dá no fato de que essas personagens não conseguem visualizar, em um primeiro momento, na menina as qualidades e virtudes necessárias a tal missão.

Alice, por receio de enfrentar essa missão, começa a passar por crises de identidade. Até mesmo Absolem tem dúvida se ela não é a “verdadeira” Alice, como se verifica na cena em que ela afirma não ser a Alice que está na profecia do oráculo: “- Essa não sou eu./ - Eu sei. / - Desvende isso pra nós Absolem, ela é a verdadeira Alice? / - Nem de longe”. (BURTON, 2010).



Figura 10: Coelho Branco confirmando com Absolem a verdadeira identidade de Alice.  
Fonte: Burton (2010).

A partir de então, Alice acredita verdadeiramente não ser a verdadeira Alice que salvará aquele lugar das maldades da Rainha Vermelha, mostrando sua insegurança em assumir tamanha responsabilidade.

Ela só começa a tomar suas próprias decisões e assumir sua identidade quando ela conversa com Bayard um cachorro que obedece às ordens da Rainha Vermelha por ter sua família refém dela: “- Por um acaso o seu nome seria Alice? / - É, mas eu não sou a Alice de quem vocês falam tanto. / - O chapeleiro não teria se rendido por uma Alice qualquer”. (BURTON, 2012).



Figura 11: Alice conversando com Bayard .  
Fonte: Burton (2010).

Aqui notamos que ela ainda acredita não ser a Alice que irá salvar o “País das Maravilhas” das tiranias da Rainha Vermelha. Contudo, algumas atitudes começam a mudar na personagem e ela adquire aos poucos mais autonomia:

- Pra onde levaram o chapeleiro?
- Para o castelo da Rainha Vermelha em Salazen Grum.
- Nós vamos até lá soltá-lo.
- Isso não está previsto.
- Não importa. Ele não estaria lá se não fosse por mim.
- O Gloriandei está por chegar. Você tem que se preparar para enfrentar o Jaguadarte.
- Desde que eu cai naquela toca de coelho ,só escuto me dizerem o que eu devo fazer e quem eu devo ser, eu fui encolhida, esticada, esfolada e escondida em um bule de chá. Eu fui acusada de ser a Alice e de não ser a Alice. mas esse sonho é meu, eu vou decidir pra onde ir a partir de agora.
- Se você se desviar do destino...
- Eu faço o meu destino. (grifo nosso. BURTON, 2010).



Figura 12: Momento em que Alice decide ir ao Castelo da Rainha Vermelha.  
Fonte: Burton (2010).

Nessa conversa de Alice com Bayard, notamos que ela inicia seu estado de amadurecimento, sendo agora capaz de impor suas decisões e decidir o que fará de sua vida a partir de então.

Depois desse fato, em outra conversa com Absolem, este afirma que agora Alice já é quase a Alice. A Alice de quando criança, a menina corajosa e aventureira assim como a personagem de Carroll: “- Absolem./ - Quem é você?/ - A gente já debateu sobre isso. Sou Alice, mais não a certa. / - Como sabe?/ - Você mesmo disse isso./ - Eu disse que nem de longe você era a Alice. Mas está bem perto de ser a Alice. Agora, aliás, você é quase a Alice”.



Figura 13: Conversa de Alice com Absolem.  
Fonte: Burton (2010).

Com a chegada do Gloriandei Alice encontra-se novamente com Absolem, que já está iniciando seu processo de metamorfose. Neste momento, Alice finalmente assume sua identidade e considera realidade o que vive, recordando de sua passagem por aquele mundo que até então ela julgava ser sonho. A partir do dialogo a seguir vemos na fala de Alice sua posição em relação ao que vive e ainda o amadurecimento dela, que nada mais é que o resultado de sua busca no “país das Maravilhas”.

- Absolem. Por que você esta de cabeça pra baixo?
- Cheguei ao fim desta vida.
- Você vai morrer?
- Transformar.
- Não me deixa não. Eu preciso da sua ajuda. Eu não sei o que fazer.
- Não posso ajudar se você nem sabe quem é, menina burra.
- Eu não sou burra! Meu nome é Alice, eu vivo em Londres, tenho uma mãe chamada Helen e uma irmã chamada Margaret. Meu pai foi Charles Kingsleigh. Ele tinha um projeto de viajar ao redor do mundo e nada jamais o impediu. Eu sou filha dele, Alice Kingsleigh.
- Alice, finalmente! Não era tão inteligente da primeira vez que estive aqui chamava este lugar de “País das Maravilhas”.
- País das Maravilhas... (BURTON, 2012).



Figura 14: Momento em que Alice assume sua identidade.  
Fonte: Burton (2010).

Esse momento é importante para Alice, pois é a partir daqui que se dá seu total amadurecimento. Nesse momento, volta a ser a menina corajosa e destemida que era quando criança, identificando-se com a Alice de Lewis Carroll.

Após essa conversa com Absolem, Alice se lembra de quando esteve lá ainda era criança. Afirma que nada foi um sonho, mas uma lembrança do que já tinha vivido lá. Segue então as imagens da lembrança de Alice de quando ela esteve no “País das Maravilhas”.



Figura 15: Lembrança de Alice I  
Fonte: Burton (2010).



Figura 16: Lembrança de Alice II  
Fonte: Burton (2010).



Figura 17: Lembrança de Alice III  
Fonte: Burton (2010).



Figura 18: Lembrança de Alice IV  
Fonte: Burton (2010).

É a partir dessa conversa e lembranças que Alice é tomada de coragem para enfrentar a sua missão no “País das Maravilhas”, como se observa, a atitude da jovem na próxima cena em que sai do castelo da Rainha Branca, já com a armadura de guerreira, montada em Capturandam para enfrentar o Jaguadarte.

Como vemos na imagem a seguir:



Figura 19: Momento em que Alice sai do Castelo da Rainha Branca para enfrentar o Jaguadarte.  
Fonte: Burton (2010).

Essa determinação em lutar pela causa da Rainha Branca é demonstrada também no campo de batalha, demonstração final de sua coragem ao ser apresentada como a guerreira que irá lutar contra o destemido Jaguadarte: “(Rainha Vermelha): - Onde está seu campeão, irmã?/ (Alice): - Aqui!”. (BURTON, 2012). A partir da imagem e do breve diálogo nota-se o momento exato em que Alice se apresenta corajosamente como campeão.



Figura 20: Alice se apresentando com campeão da Rainha Branca .  
Fonte: Burton (2010).

Alice cumpre finalmente sua missão, revelando-se como a verdadeira heroína, ao derrotar o Jaguadarte, contando-lhe a cabeça.



Figura 21: Momento em que Alice mata o Jaguadarte.  
Fonte: Burton (2010).

Alice vence essa batalha entre o “bem e o mal”, dicotomia comum na literatura infanto-juvenil, essa vitória de Alice se dá pela morte do Jaguadarte que simboliza o mal, uma figura assustadora que recebe ordens da Rainha Vermelha, que por sua vez mostra-se uma mulher temida por todos e que manda contar a cabeça de quem não lhe agrada. Alice aparece aqui como uma menina, que todos duvidam ser capaz de derrotar uma fera que tem mais que o dobro de seu tamanho, mas Alice vence por sua astúcia e não por força física e é essa astúcia que buscamos através dessa literatura direcionada ao público infantil, mostrar aos pequenos que se vence somente por meio da força bruta, mas também pela inteligência. A partir dessa vitória de Alice é que o “País das Maravilhas volta a ser governado pela Rainha Branca símbolo da paz e bondade. Como vemos na imagem a seguir:



Figura 22: Momento em que a Rainha Branca recupera a coroa.  
Fonte: Burton (2010).

Após sua aventura, Alice decide voltar para a superfície, onde todos a aguardam para que responda ao pedido de casamento de Hamish. Neste momento Alice já está mais segura e determinada a não aceitar esse casamento imposto por sua família e esperado por todos que lá estavam, ela então recusa o casamento e revela a todos sua vontade de descobrir coisas novas em outros lugares.



Figura 23: Volta de Alice ao coreto.  
Fonte: Burton (2010).

Na imagem acima temos o momento em que Alice aparece novamente no coreto onde todos a esperam. Contudo, depois da aventura, Alice não é mais a mesma. Agora se apresenta como uma jovem com opinião própria, corajosa e segura, que a assume diante de todos sem medo das possíveis consequências. Desse modo, recusa a proposta de casamento que todos acreditavam ser lhe adequada, passando por cima dos valores a que era submetida anteriormente.

Deste momento em diante, Alice tem coragem de fazer e dizer coisas que antes as convenções não permitiam. Como se verifica na atitude de dizer o que quer e pensa sobre sua vida à irmã: “- Eu te amo Margaret, mas a vida é minha e eu decido o que quero fazer”. (BURTON, 2010).



Figura 24: Alice dizendo à irmã o que é melhor para si.  
Fonte: Burton (2010).

Outro momento em que é capaz de dizer o que pensa é para a tia Imogene, estereótipo da mulher solteira e envelhecida, que ainda acredita que irá casar com um príncipe: “- Não existe príncipe tia Imogene. A senhora tem que procurar médico pra se tratar”. (BURTON, 2010). Alice sempre teve a vontade de dizer à tia que não existia príncipe algum em sua vida e que ela deveria procurar um tratamento médico, mas esse comportamento não era aceito, logo, ela ignorava a situação como todos isolando a tia “louca”



Figura 25: Alice recomendando a tia a procurar tratamento médico.  
Fonte: Burton (2010).

Alice ainda faz a “dança maluca” que aprendeu com o Chapeleiro no “País das Maravilhas”, considerada fora dos padrões de danças para a época, que eram todas marcadas por passos certos e uma coreografia determinada, quando Alice faz a “dança maluca”, podemos ver o espanto evidente dos convidados pela coragem dela em mudar o estilo das danças do período.



Figura 26: Alice fazendo a dança maluca.  
Fonte: Burton (2010).

Após sua aventura no subterrâneo, Alice embarca para uma nova aventura em uma expansão marítima até a China, assim como seu pai fez um dia. Em seu embarque, Alice é

surpreendida por uma linda borboleta azul a quem chama de Absolem, a lagarta que no fim de sua aventura no “País das Maravilhas” começa seu estado de metamorfose e que havia afirmado que a encontraria em outra vida.

Ao reconhecer Absolem, Alice funde os dois mundos, unindo “seus sonhos” à sua realidade. Mesmo sendo considerada madura, ela não perde a sensibilidade e essência de criança.



Figura 27: Encontro de Alice com Absolem após a metamorfose.  
Fonte: Burton (2010).

Essa evolução de Alice e o fato dela agora se aventurar nessa expansão marítima nos remete as aventuras e sonhos do pai que era aventureiro e sonhador, e foi a partir desses ideais que ele obteve sucesso em sua companhia, que Alice agora se aventura. Burton usa a referência para demonstrar a criatividade dela em querer ir mais além do que o pai já havia chegado, criatividade esta que é valorizada na sociedade vivida pelo cineasta e não na sociedade vivida por Carroll.

A partir dessas considerações podemos notar que a Alice de Carroll e a Alice de Burton, só se assemelham na necessidade da fuga para momentânea para solucionar seus “problemas”, e no período de transição, a primeira de criança para puberdade e a segunda de adolescente para a fase adulta. Diferenciam-se psicologicamente, quanto à menina corajosa, inteligente, dotada de um raciocínio lógico inesperado para uma criança e ainda aventureira cheia de vontade de desbravar aquele lugar maravilhoso que foge a sua realidade, e a adolescente receosa, insegura, que a todo momento afirma não ser capaz de enfrentar desafios e ainda assumir suas escolhas sem medo de ser repreendida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa sobre literatura infanto-juvenil, como gênero literário, foi possível observar sua relevância para o desenvolvimento intelectual da criança que faz uso desse material, primeiramente com o livro onde trabalha a imaginação da criança, ajuda elas a entender a melhor a si mesmas e ainda a se relacionar de forma satisfatória.

A personagem principal da obra de Lewis Carroll (1865), notamos as dificuldades enfrentadas pela menina em seu convívio social, por se tratar de um período em que a moral era bastante apreciada e muito cobrada até mesmo das crianças, que acabavam vivendo enfadadas por não terem o que fazer, sendo repreendidas em seus comportamentos e imaginação.

No filme de Tim Burton (2010), a personagem Alice também passa por esses desafios de enfrentar a sociedade em que vive. A jovem passa por um período de aventura no “País das Maravilhas” que simboliza seu amadurecimento, período este caracterizado pela passagem da adolescência para a fase adulta.

Assim, conclui-se que, a partir da crítica feita por Lewis Carroll ao período em que viveu, é que podemos notar a evolução dos valores social, a partir de então, simbolizada assim com o amadurecimento da Alice de Tim Burton. O incentivo a imaginação e a criatividade tanto da criança como do adulto, é fator muito apreciado na sociedade atual por se tratar de uma sociedade em constante evolução.

Essa mudança de valores tem o mérito de Carroll por ser visionário como sua personagem e mostrar a partir de sua obra a necessidade de mudança, fazendo com que as pessoas começassem a pensar em novos valores sociais.

O filme de Burton apesar de ser uma continuação da obra de Carroll, trás algumas referencias do período em que a obra foi escrita, como a imposição do casamento pela sociedade a Alice, essa pressão só diz respeito ao período em que Carroll viveu e não ao período vivido pelo cineasta. Burton transmite através de seu filme apenas fantástico das super produções da atualidade, ele não rompe com conceitos e valores sociais, a preocupação do cineasta é apenas de encantar o público com os efeitos especiais de sua produção.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BURTON, Tim; Zanuck Company. *Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland)*, Walt Disney Pictures, 2010, Estados Unidos . DVD, 109 minutos aprox., cor.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARROLL, Lewis. *Alice No País das Maravilhas*. Tradução Márcia Feriotti Meira. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil, das origens Indo-Européias do Brasil Contemporâneo*. 3 ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil, das origens Indo-Européias do Brasil Contemporâneo*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil, das origens Indo-Européias do Brasil Contemporâneo*. 5 ed. Barueri: Manole, 2010
- \_\_\_\_\_. *A Literatura Infantil: História, Teoria, Análise*. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário Corso. *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GREGORIN, José Nicolau; PINA, Patrícia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. *A literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2011.
- FRANCO, Maria Dorothea Barone. Alice: Um conto de fadas. *Revista Conhecimento Prático– Literatura*, São Paulo, Escala Educacional, ed. 42, 2012.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da narrativa. In. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2006.